



Evento	Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Autodeclaração em debate - uma oficina Multidisciplinar antirracista
Autores	NATÁLIA PAGOT XAVIER VALÉRIA BENDER LANG TATIELE MESQUITA CORRÊA
Orientador	LUCIANO BEDIN DA COSTA

RESUMO: A experiência de ensino aqui apresentada parte de uma problemática que se confunde com história de nosso país e que encontra reverberações nos dias de hoje. Trata-se do fato de, em nossos processos colonizatórios, não darmos a devida consideração à resistência indígena e de povos africanos trazidos à força e escravizados ao longo dos séculos. A tal 'identidade brasileira' acaba por ser, sobretudo, um misto destas violências e resistências, somadas a tantas outras etnias que nos tornam miscigenados e de complexa nomeação. Essa miscigenação carrega muita informação a respeito da construção social e todo o preconceito existente no dia a dia de nossas vidas. Com o intuito de saber qual a porcentagem da população brasileira era branca, foi feita a primeira pesquisa censo de cor/raça no Brasil em 1872, por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O primeiro método era uma análise feita por um funcionário do instituto, que avaliava as características físicas do entrevistado para definir qual seria a sua cor/raça. O método de autodeclaração de raça/cor no Brasil começou em 1991, e, apesar de aparentar ser uma simples mudança no procedimento de entrevista é, na verdade, um potencial instrumento para a construção da identidade étnica e cultural do país. Durante a disciplina Psicologia da Educação II, ministrada na Faculdade de Educação (FACED) aos cursos de licenciatura da UFRGS, criamos e executamos, junto à ação de extensão "Saberes Significativos: quando a universidade aprende com a escola e a escola aprende com a universidade", a oficina interdisciplinar "Autodeclaração em Debate - como eu me vejo?". Com base na Lei nº 10.639, buscamos fortalecer a identidade dos alunos e debater abertamente questões ligadas ao preconceito racial e aos estereótipos relacionados aos padrões de beleza. A oficina foi realizada em junho de 2017 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Neuza Goulart Brizola (Porto Alegre), aplicada às alunas e alunos do 9º ano. Com base no projeto fotográfico Humanae, da Angélica Dass, foram exibidas fotos de pessoas dos mais diversos padrões de beleza e tons de pele (desde homens negros bem escuros; passando por imagens de pessoas com características orientais: cabelos escuros, lisos, olhos puxados; feições indígenas: cabelo liso, olhos amendoados, pele escura; Chegando em imagens de pessoas bem miscigenadas com pele claras, cabelo crespo, nariz largo; mulheres ruivas com grandes lábios, olhos claros, cabelo liso; crianças não brancas mas com tom de pele claro; duas mulheres com mesmo tom de pele mas uma com cabelo liso, olhos pequenos, boca pequena e outra com lábios carnudos, cabelo crespo, nariz largo). Os alunos foram convidados a classificar as imagens da respectiva fotografia, analisando as pessoas conforme o que lhes convinha. Concomitantemente, contávamos: o processo histórico e geográfico da construção étnica e cultural do nosso país; como eram feitos os antigos censos populacionais; quando surgiu a autodeclaração, como era e é constituída a população brasileira; quais são as barreiras e as dificuldades em se declarar negro no Brasil. Aos poucos, os próprios alunos se deram conta que estavam julgando as imagens e de que existia uma rápida rejeição em relação a características relacionadas aos negros (através de comentários como: essa tem cabelo duro; olha o nariz desse cara; com essa beijo enorme ele é preto; a mulher de cabelo liso tem o cabelo melhor; melhor dizer que ele é moreno do que preto). Isto nos levou a debater a questão do padrão de beleza e da importância em assumir a negritude para combater o racismo. Eles perceberam também que é muito complicado definir o outro, pois como um aluno nos perguntou, "como o outro pode dizer que cor eu sou?". Como fechamento propusemos a turma que cada um fizesse sua autodeclaração artisticamente a partir da proposta central "Como eu me vejo?". Nos desenhos percebemos certas expressividades: A forte presença da questão da violência, da proximidade que os jovens estão da morte e do tráfico; Outros desenhos mostraram as TAG de pixo e graffitis dos alunos, ambos relacionados com o movimento HipHop e a questão negra na periferia; Tiveram desenhos mais explícitos, onde usaram o marrom ou uma mistura de tintas para desenhar o rosto ou seus corpos, com frases sobre igualdade, respeito e a dificuldade em lidar com o racismo que há dentro da sala de aula. Para finalizar, os desenhos foram expostos no corredor da escola, para que a reflexão fosse ampliada para além daquela turma. Através dessa oficina constatamos que são raros os momentos durante a graduação em que somos orientados a entrar em sala de aula e atuar como professores, ampliando nossa percepção de mundo e da realidade que vivenciamos durante nossa profissão. Para além disso, essa atividade proporcionou um espaço de diálogo com alunos de diversos cursos (Biologia, História, Geografia), trabalhando em prol de uma construção educacional transdisciplinar antirracista, abordando a autodeclaração e a identidade étnico-racial, temas tão significativos e no entanto invisibilizados pela sociedade e pelos currículos escolar e acadêmico.

Palavras chave: educação, autodeclaração, identidade.